



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS ERECHIM

GEOGRAFIA-LICENCIATURA

EVANDRO ANDRÉ SIRTOLI

ENSINO DE GEOGRAFIA E PAISAGEM:

UMA PROPOSTA A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GEORGES BERTRAND

ERECHIM

2017

EVANDRO ANDRÉ SIRTOLI

**ENSINO DE GEOGRAFIA E PAISAGEM:
UMA PROPOSTA A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GEORGES BERTRAND**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de
grau de Licenciado em Geografia da
Universidade Federal da Fronteira Sul

Orientador. Prof. Dr.Reginaldo José de Souza

ERECHIM

2017

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Sirtoli, Evandro André

Ensino de Geografia e Paisagem:: Uma Proposta a
Partir da Perspectiva de Georges Bertrand/ Evandro André
Sirtoli. -- 2017.
54 f.:il.

Orientador: Reginaldo José de Souza .

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura Em geografia , Erechim, RS , 2017.

1. Paisagem . 2. Geossistema . 3. Ensino de
Geografia. I. , Reginaldo José de Souza, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

EVANDRO ANDRÉ SIRTOLI

ENSINO DE GEOGRAFIA E PAISAGEM:

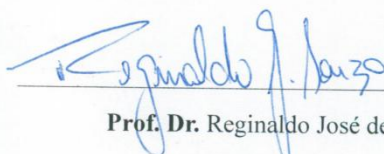
UMA PROPOSTA A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GEORGES BERTRAND

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Geografia.


Orientador: Prof. Dr. Reginaldo José de Souza

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
29/11/2017.

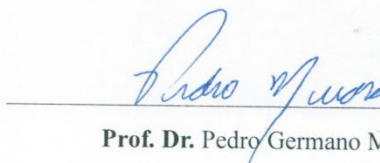
BANCA AVALIADORA



Prof. Dr. Reginaldo José de Souza
(Orientador)



Prof. Dr. Ana Maria de Oliveira Pereira
(Avaliadora)



Prof. Dr. Pedro Germano Murara
(Avaliador)

DEDICATÓRIA

Dedico esta conquista aos meus pais, Maria R Sirtoli e Sinésio Sirtoli, por me concederem o dom da vida, por todo apoio prestado ao longo de minha graduação, das mais diversas formas e por nunca me deixar desistir desse sonho que também é deles. Essa conquista também é de vocês Pai e Mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e à Nossa Senhora que, por inúmeras vezes, em horas difíceis de dúvida e de angústia, foram minha inspiração para seguir adiante com fé e esperança.

Aos meus pais, Maria R. Sirtoli e Sinésio Sirtoli, agradeço de alma e coração pelo dom da vida, pela constante dedicação, motivação e incentivo a cursar o ensino superior, pelos conselhos de pai e mãe, que nunca me deixaram desistir de meus sonhos. Por todo carinho e abraço nas horas difíceis, pelo apoio econômico nas horas em que não era possível ter outra renda. Meu mais sincero muito obrigado por serem meus pais.

Agradeço a minha irmã Mariéli I. Sirtoli, pelo apoio carinho e momentos de descontração e conversas em momentos difíceis.

Não poderia deixar de agradecer ao meu parceiro Dayvid C. Ferreira da Silva, pelos inúmeros conselhos, pelos puxões de orelha, pelos incentivos para a conclusão do curso, pela parceria, por suportar comigo os dias de dor de reclamações e dúvidas, você sabe quão especial és para mim.

Quero também agradecer, mesmo que ela já esteja no plano espiritual, minha avó paterna, Maria M. Sirtoli, que embora não está mais fisicamente presente, sempre me incentivou a estudar e a buscar o melhor de mim, sempre com humildade, como ela dizia, sem pisar nos outros. Obrigado pela sabedoria e por interceder por mim. Vó onde estiver meu muito obrigado!! Pelos ensinamentos, carinho... saudades eternas!

Aproveito para agradecer aos amigos que fiz durante a graduação, alguns não estiveram até o fim do curso, mas de toda forma agradeço a parceria da amizade, em especial Delmires Frigotto, que foi peça fundamental com conselhos, ombro amigo, uma segunda mãe por me ouvir e aconselhar e conversar nos mais distintos momentos de alegria e ansiedade.

Agradeço a Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim-RS, através desta, foi possível a realização do sonho da conclusão do Ensino Superior.

Aproveito da mesma forma, agradecer o corpo docente da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim-RS, do Curso de Licenciatura em Geografia, pela dedicação ao ensino e pesquisa, aos desafios impostos para meu crescimento profissional e pessoal.

Deixar o meu mais sincero agradecimento ao meu Orientador Prof. Dr. Reginaldo José de Souza, pela dedicação e esclarecimento de dúvidas, pelas inúmeras orientações e correções. Por ter inspirado em mim a busca da pesquisa como ferramenta para o aprofundamento científico de meu trabalho, e para a vida profissional. Pela constante inspiração ao estudo da paisagem e suas relações na geografia, como tema norteador de minha conclusão.

Também quero agradecê-lo pela amizade, pelas conversas, por momentos de descontração, por ter proporcionado o meu encontro na paisagem. Meu muito obrigado por ter sido o melhor orientador, só consegui chegar até aqui por conta de seu apoio e suas orientações como professor, orientador e amigo. Obrigado pela inspiração e explicações! Agradeço sempre pelo companheirismo e dedicação!

Para finalizar, agradecer a banca por dedicar sua atenção, leitura e contribuições para o trabalho de conclusão. Este que, certamente, será o primeiro de futuros trabalhos a serem desenvolvidos e aprimorados no mundo da pesquisa.

RESUMO

Os estudos da paisagem na Geografia, muitas vezes, estão relacionados com mera observação do espaço, e/ou simples descrições de acontecimentos antrópicos e fenômenos da Natureza, em que estão apenas distintos uns dos outros sem a integração de acontecimentos sociais com eventos naturais. Então, o trabalho desenvolve a análise e discussão bibliográfica da conceituação da Paisagem na Geografia, da integração dos conceitos da Geografia física e humana, como propõe o Geógrafo francês Georges Bertrand. Primeiramente, aborda-se a integração dos elementos da paisagem por meio da proposta do Geossistema, ou seja, das interações entre potencial ecológico, exploração biológica e ação antrópica. Posteriormente, trata-se da integração conceitual pela via do sistema GTP (Geossistema-Território-Paisagem) como fonte de três formas de análise: naturalista, socioeconômica e sociocultural. Por fim, apresentamos uma proposta didática de trabalho em sala de aula, considerando a análise bertraniana como possibilidade de integrar os conceitos físicos e humanos para o entendimento da Paisagem.

Palavras-Chave: Paisagem. Geossistema. Ensino de Geografia.

ABSTRACT

Landscape studies in Geography are often related to mere observation of space, and / or simple descriptions of anthropic events and phenomena of Nature, in which they are only distinct from each other without the integration of social events with natural events. So, the work develops the analysis and bibliographical discussion of the conceptualization of Landscape in Geography, of the integration of the concepts of physical and human Geography, as proposed by the French Geographer Georges Bertrand. First, the integration of the elements of the landscape is approached through the Geosystem proposal, that is, of the interactions between ecological potential, biological exploration and anthropic action. Subsequently, it deals with the conceptual integration through the GTP (Geosystem-Territory-Landscape) system as source of three forms of analysis: naturalistic, socioeconomic and sociocultural. Finally, we present a didactic proposal of work in the classroom, considering the Bertranian analysis as the possibility of integrating the physical and human concepts for the understanding of Landscape.

Keywords: Landscape. Geosystem. Teaching Geography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Diferença da vista vertical e horizontal na observação da paisagem: diferentes perspectivas.....	27
Figura 02 - Representação dos subsistemas que integram o Geossistema na perspectiva de Georges Bertrand.....	29
Figura 03 - Representação das sub-escalas do geossistema.....	30
Figura 04 - Representação do sistema GTP, conforme a proposta de Georges Bertrand.....	35
Figura 05 - Esquema Visão de natureza e cultura e a formação da paisagem na integração dos dois conceitos.....	41
Figura 06 - Esquema Visão de natureza e cultura e a formação da paisagem na integração dos dois conceitos.....	42
Figura 07 - Conjunto de fotos que podem servir como ilustração de algum tema.....	43
Figura 08 - Forma Integradora da Paisagem Proposta por Georges Bertrand 1968.....	44
Figura 09 - Esquema Natureza como Recuso, Fonte e Paisagem.....	46
Figura 10 - Moradias Precárias no bairro Progresso, em Erechim.....	47
Figura 11 - Padrão de loteamento de alto padrão no bairro Esperança.....	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Organização da estrutura do TCC.....	14
Quadro 02 - Escalas de análise conforme Bertrand.....	32
Quadro 03 - Representação conceitual do GTP e a filtragem do significado de natureza e suas mutações pela ação da sociedade.....	34
Quadro 04 - Questões iniciais sobre a paisagem.....	40
Quadro 05 - Escalas de análise da Paisagem, conforme Bertrand 1968.....	42
Quadro 06 - Da <i>água-fonte</i> para a <i>água-recurso</i> e a <i>água-paisagem</i>	47

SUMÁRIO

1

INTRODUÇÃO.....	11
------------------------	-----------

1.1 NOTAS

METODOLÓGICAS.....	14
--------------------	----

2 PAISAGEM: UM CONCEITO AMPLO.....	16
---	-----------

3 GEOSSISTEMA -TERRITÓRIO - PAISAGEM: UMA INTEGRAÇÃO DE

CONCEITOS.....	22
-----------------------	-----------

3.1 O GTP (GEOSSISTEMA-TERRITÓRIO-PAISAGEM): UM MODELO PARA

INTEGRAÇÃO GEOGRAFIA FÍSICA-GEOGRAFIA HUMANA.....	24
---	----

4 UMA PROPOSTA METODOLOGICA DE ENSINO BASEADA EM UM

CONCEITO INTEGRADOR DE PAISAGEM.....	37
---	-----------

4.1 A PAISAGEM COMO RECURSO METODOLÓGICO.....	37
---	----

5 CONCLUSÃO.....	50
-------------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
--	-----------

1 INTRODUÇÃO

Dentro da geografia temos os estudos voltados para o ambiente, onde sociedade e natureza sempre interagem, deste modo pode-se dizer que o homem obtém resultados da natureza aplicando-lhe a técnica. Assim, a natureza responde de maneira satisfatória ou não a este uso, fornecendo recursos para a sobrevivência humana, e ora sendo objeto de estudo para sua melhor adaptação na superfície do planeta, utilizando-se da geografia para melhor entendê-la e ou adaptar-se às suas dinâmicas.

Partindo do significado da própria palavra que designa Geografia, temos a seguinte tradução em que *Geo* é denominação de Terra e que *Graphos* é o estudo (descrição) da mesma. E então, a grosso modo, nada mais é do que o estudo da Terra, mas, essa definição não seria a melhor forma para descrever o termo geografia, sendo que dentro dos estudos geográficos temos os estudos das formas através da geomorfologia; os estudos do clima, através da climatologia e as relações sociais e entre a sociedade e a natureza, seja no âmbito da Geografia Física ou da Geografia Humana. Desta forma (ANDREIS, 2012) observa que:

Compreendemos o conhecimento geográfico como fundamental para apreender a pensar e a entender o mundo. Na escola, é a disciplina que propõe uma reflexão que privilegia a espacialidade. Como componente curricular, trabalha com o que é real e atual no dia a dia do sujeito e também com as possibilidades de abstração e generalização desses espaços concretos. Ao mesmo tempo em que discute os significantes que fazem sentido ao sujeito, a Geografia também oportuniza a análise dos demais locais e contextos de vida por meio de instrumentais que permitem e exigem a desvinculação do que é concreto, em um percurso à conceituação. (ANDREIS, 2012, p.36)

Desta forma, a Geografia pode ser definida como a ciência que estuda as relações do ser humano com o meio em que ele vive, buscando compreender as dinâmicas físicas da natureza e a maneira como o homem influencia essas dinâmicas no espaço terrestre. Portanto, esta ciência é muito mais do que a simples descrição tanto de aspectos físicos quanto dos aspectos humanos presentes na superfície da Terra. A Geografia é uma ciência de análise e de síntese, para além da descrição.

A partir disto, o homem observa o espaço que o rodeia, ou seja, a forma e a concepção que cada qual vê e relaciona a sociedade e a cultura em que está inserido, a geografia humana também estuda a maneira como o ser humano influencia na superfície

terrestre modificando suas formas (morfologia). Dentre essas relações há a apropriação da mesma para ocupação habitacional e ou construção de áreas urbanas e industriais, com isso a Geografia Humana busca entender as mais distintas maneiras de apropriação da natureza pela ação antrópica, que é geradora de território e, conseqüentemente, quando há a apropriação da terra em território, emergem conflitos e tensões para a defesa e demarcação do mesmo, sendo eles conflitos e/ou tensões sociais, culturais, espaciais e econômicas que moldam o espaço e a natureza.

Por sua vez, na Geografia Física, temos a busca por compreender as dinâmicas naturais do planeta Terra, voltada para a abordagem das dinâmicas do clima, relevo, vegetação e hidrografia, aspectos fluviais e pluviais, morfológicos e geológicos relacionados com as dinâmicas da Terra.

A geografia física divide-se em Geografia Geral e Geografia Regional. A primeira estuda os problemas físico-geográficos no geral, como as leis gerais da estrutura, composição, dinâmica, desenvolvimento e diferenciações territoriais[...], seus relacionamentos internos e externos e a utilização prática de suas leis. A Geografia Física regional, também conhecida como “corográfica”, trata das leis naturais, mas em suas manifestações locais em diferentes regiões naturais. (GRIGORIEV, 1968 p. 73/74)

Embora seja possível reconhecer a relevância de cada um dos ramos da Geografia (físico e humano), é fundamental procurar superar a dicotomia porque, ao fragmentarmos esta ciência, temos como consequência a perda das possíveis vinculações com o espaço vivido, ou seja, na Geografia Humana temos o espaço determinado pelo viés de ocupação territorial e, no âmbito da Geografia Física, suas possíveis complicações com apropriações indevidas na esfera da estrutura morfológica de cada espaço ocupado pela ação e apropriação humana, como em alguns casos com a preocupação do possível impacto gerado pela má ocupação do espaço.

Dependendo do modo como ocorre a apropriação e uso do espaço e dos recursos naturais, o ser humano pode sofrer física, psíquica e economicamente, sobretudo aquelas pessoas com poucos recursos financeiros para resistir aos impactos de dupla ordem: natural e social.

Ou seja, separar Geografia humana da física é, por exemplo, estar se distanciando das contribuições que ambas abordagens podem trazer para compreender as interfaces sociedade-natureza e a organização da vida social nas cidades e no campo.

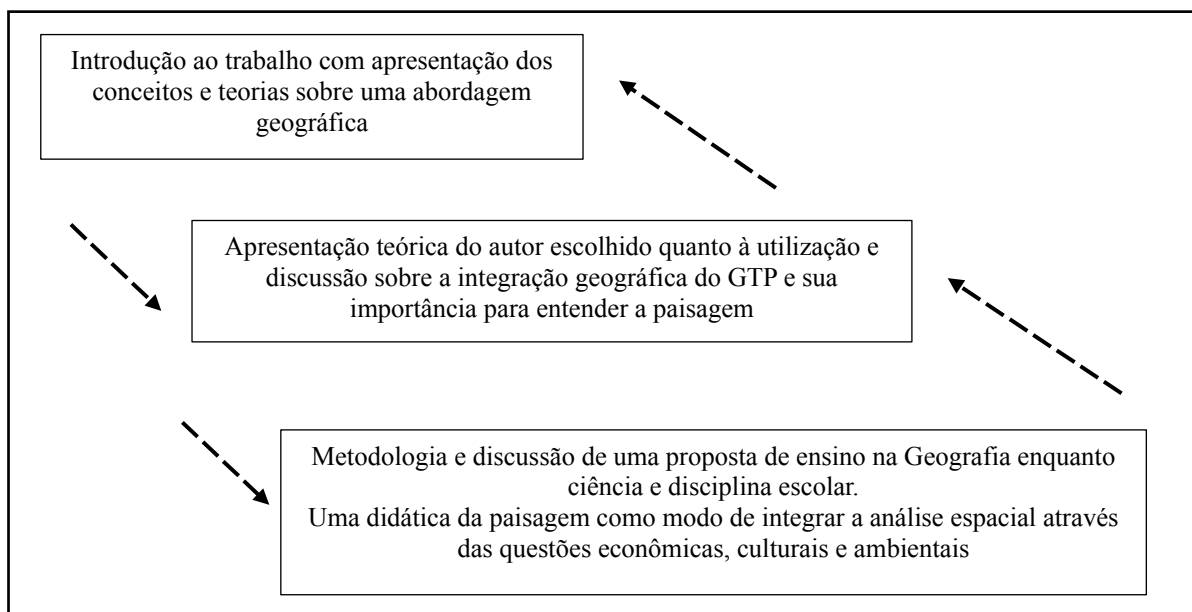
Desta maneira, há potencialidades do ensino de Geografia, que através da leitura dos conceitos geográficos dentro desta área, permitem a inserção do aluno dentro do espaço geográfico buscando, por meio da sua percepção, entender as dinâmicas complexas que caracterizam a realidade, tanto de modo geral quanto no sentido mais imediato com relação à vida cotidiana do estudante: a localização da sua casa, sua rua, o bairro onde vive, a cidade, a região, a rede urbana, o país, o mundo... A compreensão do espaço ocorrerá através da utilização, pelo professor, de conceitos como território, região, ambiente, lugar e... paisagem!

Sendo que para a abordagem dos elementos paisagísticos é importante explorar aspectos físicos, econômicos e culturais que o observador consegue inserir dentro do seu campo de visão. Assim, é necessário no âmbito de se explorar dentro do ensino de Geografia a paisagem, fazer com que o estudante entenda que paisagem não é somente um quadro bonito pendurado na parede ou uma fotografia onde se ressalta a beleza de elementos físicos como uma floresta, uma montanha, um campo aberto ou uma praia. Para além da beleza é preciso entender a função social e cidadã do conceito de paisagem.

1.1 NOTAS METODOLÓGICAS

Ao pensarmos nessa questão, estruturamos uma ideia para nortear a elaboração do TCC que pode ser observada a partir de três entradas conforme o esquema a seguir:

QUADRO 1 - Organização da estrutura do TCC.



Organização.: SIRTOLI, E. 2017.

O objetivo geral deste trabalho é compreender a paisagem como conceito integrador de abordagens entre Geografia Física e Humana, é tratar da paisagem na Geografia que, por sua vez, é uma ciência de relações: busca o entendimento do mundo através dos usos político-econômicos de partes da natureza. A paisagem, em si, é um conceito/categoria cuja compreensão perpassa essas duas esferas do social e do natural.

Deste modo como objetivos específicos temos a abordagem da integração dos elementos da paisagem por meio da proposta do Geossistema bertraniano, autor/geógrafo que, ao longo de sua trajetória acadêmica, trabalhou com a busca deste conceito. Então, escolhemos Georges Bertrand, geógrafo francês com estudos de referência para a Geografia Física de um modo geral, mas, também, para a reflexão epistemológica e metodológica no campo da Geografia sem dicotomias.

Georges Bertrand teve e tem uma produção teórico-metodológica de reconhecido valor para a Geografia Francesa e Brasileira, principalmente no âmbito dos

estudos da Geografia Física. Ele propôs um conceito que, no final dos anos de 1960, deveria buscar a integração do estudo da natureza e das paisagens: o geossistema. Contudo, depois de duas décadas, o autor apresentou uma outra formulação teórico-metodológica para considerar os subsistemas econômico e cultural no processo de transformação das paisagens, ou seja, o modelo GTP. Como segundo objetivo específico faz a análise o sistema GTP (Geossistema-Território-Paisagem) como salto qualitativo na obra de Bertrand e uma nova visão sobre a Paisagem. O GTP é uma forma integradora para unificar a Geografia Física e a Geografia Humana e, assim, é um método proposto em nome de uma Geografia, sem divisões, sem dicotomia. E como terceiro objetivo específico apresentamos uma proposta de trabalho em sala de aula, considerando a análise bertraniana como possibilidade de integrar os conceitos físicos e humanos para o entendimento dos elementos paisagísticos. Em função do caráter da proposta, consideramos que ela merece ser analisada através da pesquisa de conclusão de curso

Para alcançarmos a proposta, estruturamos o trabalho em três partes: na primeira parte, será apresentada a contextualização da temática e a metodologia para sua elaboração. Na segunda parte, apresentamos uma reflexão sobre o conceito de geossistema como uma forma integradora de se olhar para a paisagem no âmbito da Geografia Física. Este ponto é interessante porque no momento em que o autor propôs a sua abordagem em relação ao conceito de geossistema, o que ele realmente buscava era uma renovação da própria Geografia Física e ainda não havia uma preocupação epistemológica mais ampla e profunda. Isto foi feito ao longo de sua carreira quando, vinte anos mais tarde, ele apresentou o GTP como um sistema teórico integrador e com uma proposta epistemológica mais audaciosa e abrangente, ou seja, ao que tudo indica parece que há uma proposta tripla para a Geografia: uma teoria, um método e uma epistemologia ambiental.

Na terceira parte do trabalho, apresentamos um método de ensino para se aplicar a discussão feita aqui em sala de aula. Como estamos num curso de licenciatura, então, temos a preocupação de se mostrar como o professor pode proceder com uma discussão teórica em sala de aula e fazer uma prática para que os estudantes entendam o mundo através da paisagem.

2 PAISAGEM: UM CONCEITO AMPLO

Para falar de paisagem dentro da Geografia é preciso adentrar no mundo acadêmico, que possui muitas leituras e estas trazem distintas definições das teorias de paisagem. Por exemplo, na Geografia Física algumas concepções metodológicas não conseguem, às vezes, descrever precisamente a paisagem, pois, utiliza-se do conceito de que a imagem está determinada a partir do relevo, vegetação e clima, a busca da unidade de paisagem através da combinação específica destes elementos. Já na Geografia Humana temos, em síntese, a preocupação social ambiental com tal termo;

Para o senso geral das pessoas, o termo paisagem sugere duas maneiras distintas para ser entendido: a *objetiva* e a de *representação*. A ideia de que paisagem é baseada naquilo que a visão alcança - *escala espacial*-faz com que se construa sua noção como um mosaico, mais ou menos ordenado de formas e cores (Berque, 1995; Deffontaines, 1998 e Maciel, 2001 *apud* VERDUM, 2006/07, p.15)

A paisagem dentro do contexto da Geografia Humana destaca não somente aspectos físicos, mas os que abrangem além do físico, características culturais e socioambientais. A paisagem, sendo assim, está além do que o observador pode “apreciar” e é muito utilizada para a descrição de um lugar belo ou algo que agrada o campo de visão de quem a observa, desta forma podemos dizer que:

Assim, a paisagem emerge na análise geográfica carregada de simbolismo, sendo responsável pela constituição do imaginário social que atua na condução da ação dos atores sociais, ao mesmo tempo em que mediatiza a representação do território por estes mesmos atores. Neste sentido, a paisagem como categoria social é construída pelo imaginário coletivo, historicamente determinado, que lhe atribui uma determinada função social. (VITTE, p. 72, 2007)

Deste modo, vimos que a partir da Geografia temos diferentes formas de falar a respeito da paisagem, que muitas vezes são utilizadas para descrever ou chegar em uma imagem ou como o próprio contexto historiográfico pressupõe: “Assim, o objetivo da geografia seria o de produzir uma *imagem* sintética da Terra (GOMES, 1996 *apud* VITTE, p.72, 2007), na qual a cultura e a natureza formariam um conjunto integrado, articulado e espacialmente diferenciado na superfície do planeta.” (GOMES, 1996 *apud* VITTE, p.72, 2007).

Vitte (2007, p. 72) menciona que a paisagem corresponde a uma aparência e uma representação; um arranjo dos objetos visíveis pelo sujeito por meio de seus próprios filtros.” Falando-se de paisagem como filtro de quem a observa, pode-se fazer uma comparação de conceitos de paisagem com acontecimentos históricos do século XVI, referindo-se às grandes navegações para a exploração e conhecimento do mundo. Sendo uma celebre descrição de paisagem a carta de Pero Vaz de Caminha, ao descrever de uma maneira peculiar romântica o novo continente logo “descoberto”:

Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvemos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é toda praia parma, muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá (VAZ DE CAMINHA, PERO. Carta ao Rei de Portugal, 1500).

Ao longo da citação podemos observar que a imagem descrita está, de certa forma, correspondendo às expectativas do observador que é de contemplação ao belo e à forma natural do que ele observa na sua contemplação. De modo geral, as grandes navegações ajudaram no desenvolvimento cartográfico, pois, muitos dos relatos de expedições eram acompanhados de escrivães e estudiosos de navegações, que relatavam através das cartas as expedições realizadas, com isso faziam concomitantemente os aperfeiçoamentos necessários nos mapas ao longo de suas viagens, nos novos continentes “descobertos”. Essa observação a partir do trecho da carta de Pero Vaz é interessante para compreendermos que o próprio desenvolvimento da cartografia como representação do mundo começa a partir de observações de paisagens.

Conforme lembra Moraes,

Designam-se como Geografia: relatos de viagem, escritos em tom literário; compêndios de curiosidades, sobre lugares exóticos; áridos relatórios estatísticos de órgãos de administração; obras sintéticas, agrupando os

conhecimentos existentes a respeito dos fenômenos naturais; catálogos sistemáticos, sobre os continentes e os países do Globo etc. (MORAES, 2007, n/p *Apud* SCHMIDEL, 2017 p.34)

Do ponto de vista etimológico, a paisagem remonta a variadas ligações:

Etimologicamente, o vocábulo *paisagem* surgiu no século XVI e está ligado a *país*, denotando o sentido de região, território, nação. O vocábulo território por sua vez, surgiu no século XV e está ligado ao vocábulo *terra* (CUNHA, 1982). Em hebraico, o vocábulo *noft* (paisagem) está relacionado com *yafe*, que significa algo maravilhoso, aparecendo pela primeira vez no Livro dos Salmos (48:2). Na língua inglesa, o termo *Landscape* (paisagem) é derivado de *landscip* que surgiu no século XVI, dizendo respeito a organização dos campos, enquanto que *scenary* significa cenário, panorama. Em holandês escreve-se *landschap*, originado do vocábulo germânico *landschaft*, que significa uma unidade de ocupação humana, uma jurisdição (CHRISTOFOLETTI, 1999; SCHAMA, 1996; PREGILL & VOLKMAN, 1998 *Apud* VITTE, 2007 p.72).

Através da citação acima observa-se que o conceito de paisagem vem sendo, de certa forma, “esculpido” ao longo do tempo e que surgem ideias semelhantes sobre o que seria a paisagem. A noção é entendida em várias línguas e as adjetivações variam de: cidade (paisagem urbana) a lugares ou campos belos (paisagem rural, paisagem natural, paisagem bucólica).

Vale ressaltar que:

[...] paisagem encerra uma conotação espacial (*land*) podendo ser caracterizada historicamente sob duas perspectivas: uma estética-fenomenológica, na qual a paisagem corresponde a uma aparência e uma representação; um arranjo dos objetos visíveis pelo sujeito por meio de seus próprios filtros. Uma outra conotação pode ser caracterizada como geopolítica, designando uma unidade territorial onde se desenvolve a vida de pequenas comunidades humanas. (VITTE, 2007, p.72)

Também se destaca o mundo das artes e visões originárias das escolas¹ da paisagem, sendo uma delas a italiana, que conotam o termo a partir do olho do artista

¹ Escolas neste sentido são a descrição e representação da paisagem, que foram sendo aprimoradas durante os séculos até a inserção na Geografia

que, através da pintura, consegue designar a representação de paisagem através da “metafísica”, de um voo ou imersão metafísica na obra, na pintura, que nada mais é do que algo belo ou seja, a paisagem que está além da realidade “artificializada” a partir do pressuposto de quem a observa como algo inatingível. Nesta concepção utiliza-se o corpo humano como unidade de medida, pois, através dele é possível estabelecer-se um ponto de partida dentro do ângulo paisagístico, e que o mesmo que contempla possui, de certa forma, um limite visual, politicamente denominado de território. Portanto, a vinculação da paisagem à terra, à *land*, ao terreno e, ao mesmo tempo, ao céu, ao limite alto das montanhas, ao plano de fundo que ultrapassa a obra humana, tudo isso está ligado à forma como a noção de paisagem foi sendo construída historicamente.

Na escola Holandesa temos a paisagem na representação do realismo, vista ao olho nu, ou seja, representada precisamente como ela é, utilizando-se, assim, das características da geografia física das cenas pintadas para a representação fiel da paisagem, sem mais utilizar de representações baseadas na “metafísica”, ou no inatingível. “A pintura holandesa, por sua vez, foi reforçada pelas descobertas da óptica por Kepler quando o olho passou a ser visto como instrumento e mecanismo óptico da visão representando a imagem das coisas, independente do observador.” (VITTE, 2007, p.73). Deste modo, o observador não está mais fora dessa paisagem. Agora se vê inserido na mesma, afim de que possa representar mais fielmente os espaços em que ele está inserido, isto é, dentro da imagem, bem como uma nova abordagem mais ampla e fiel da realidade observada ou ilustrada.

Outra forma de estudo da paisagem é através da utilização da *imagem* que pode ser descrita como um recorte da unidade espacial, levando-se em conta os elementos sociais e ambientais nela contida, [...] “nesse sentido a paisagem seria a soma de muitos olhares e não só de um ponto de vista, como no caso do artista que a produziu; (VERDUM, 2007, p.15). Assim sendo, podemos dizer que a paisagem pode ser estudada através da utilização do método descritivo, a “ paisagem descritiva”; que seria fiel ao que está sendo observado: as formas do relevo, o conjunto da vegetação, a distribuição das águas.

Não havia necessariamente a preocupação com as influências invisíveis: da formação geológica, da formação vegetal, do ciclo hidrológico. Outra forma de análise é a de “*Paisagem sistêmica*”; [...] “sugere o estudo da combinação de elementos físicos, biológicos e sociais, um conjunto geográfico indissociável, uma interface entre o natural e o social, sendo uma análise em várias dimensões.” (VERDUM, 2007, p.17) Esta

forma de análise evidencia que a paisagem pode ser estudada a partir dos aspectos humanos e ambientais nela inseridos.

A palavra sistema vem da origem grega *synístanai*, em que o prefixo *syn* significa junto e o sufixo *hístanai* significa funcionar. A paisagem sistêmica é aquela vista por meio do seu funcionamento, portanto, considerando as dinâmicas que não são imediatamente observadas no instante em que se caminha pela própria paisagem. A análise sistêmica preocupa-se com as influências das dinâmicas que estão por trás das formas naturais, do resultado atual da movimentação histórica da natureza. Na terceira forma de análise temos a “*Paisagem Perceptiva*”, conforme Verdum:

[...] a paisagem é o concreto, ou seja, a coisa real, mas, ao mesmo tempo, é a imaginação, a representação destas coisas, as imagens. Cada um de nós, de acordo com a nossa trajetória, nossa consciência, experiência, vê as paisagens de forma diferente e única. Cada um constrói seus conceitos que vão refletir em suas ações e olhares, mas estes olhares estão concebidos a partir de uma matriz cultural, do coletivo das pessoas de uma determinada sociedade humana. (VERDUM, 2007, p.18)

Baseando-se na concepção metodológica de Verdum, podemos dizer que a formação e a classificação do conceito de paisagem por muitas vezes não é somente bibliográfica, que tenta fazer a classificação, de início, a partir de uma visão física ou humana, mas que por fim a paisagem está inserida mais pessoalmente, de maneira que, cada qual a contempla ao seu modo, utilizando-se do melhor método pessoal de classificação, que é **a visão do observador**. Desta forma, pode utilizar-se de vivências pessoais, experiências, particularidades do indivíduo.

Há uma tendência muito forte de se pensar a paisagem a partir do que se está vendo e, automaticamente, descrever o que a visão alcança, sem fazer relação entre os elementos que compõem a paisagem. O que se observa, em um dado momento, é resultado de uma inter-relação de vários elementos que determinam a existência de uma ou de outra paisagem. (PUNTEL, 2006, p.23)

Observar a paisagem somente pela visão de contemplação por mera ocasião é um tanto quanto carente dentro da ciência, devido ao fato de que a imagem engloba muitos aspectos físicos, culturais, sociais. Desta maneira, é importante estabelecer amarrações que visem relacionar todos os aspetos visuais e não visuais formadores da paisagem.

“A paisagem ganha atenção para o seu estudo de forma integrada[...] uma combinação dos elementos físicos, biológicos e antrópicos; um conjunto indissociável, uma interface entre o natural e o social”;[...] (BERTRAND, 1970 *Apud* PUNTEL,2006, p.27) de maneira que não seja mais possível vislumbrar a paisagem de forma fragmentada dentro da geografia, mas sim as interrelações coexistentes dentro das definições de paisagem.

O “estudo de forma integrada”, de Bertrand, ou seja, o Geossistema [...] defende o método de análise da paisagem de forma dialética, através de uma abordagem sistêmica, entendendo que os elementos sociais, físicos, econômicos estão todos inter-relacionados. (PUNTEL,2006, p.32). Este tema será abordado com mais detalhes no capítulo seguinte.

3 GEOSSISTEMA -TERRITÓRIO - PAISAGEM: UMA INTEGRAÇÃO DE CONCEITOS

Para entender a paisagem na perspectiva geográfica é preciso compreender as dinâmicas de transformação do espaço.

Os agentes sociais consomem o espaço, parcelam-no, transformam-no, implantam-no obras, vias de circulação, cidades e sistemas agrícolas. Todas essas ações são guiadas por diferentes perspectivas políticas que, na maior parte das vezes, priorizam os interesses econômicos. Portanto, no processo de apropriação do espaço para as atividades necessárias a certa organização social, o meio ambiente é profundamente modificado. Então, o viés espacial sempre estará acoplado à análise do meio ambiente na perspectiva geográfica. (SOUZA, 2015, p.17)

O espaço é intensamente modificado através das técnicas que moldam a natureza, a partir dos interesses econômicos associados às questões políticas e socioculturais e, sendo assim, podemos afirmar que cada área, sendo ela de produção agrícola, industrial, urbana... é predestinada a atender uma necessidade econômica-cultural. Deste modo pode-se citar como exemplo o uso da terra para cultivos de subsistência (arroz , feijão, batata) ou aqueles exemplos em que o espaço rural é delimitado para produzir em larga escala (*commodities*; exemplo cultura da soja), afim de que se possa obter um respaldo tanto quanto justificável para tal modificação (apropriação) do mesmo, sendo que o espaço pertinente ao uso e adequação para tais fins, é o espaço rural, mas, com diferentes afinidades e características de produção.

Com os exemplos acima mencionados pode-se entender que existem diferentes intenções quando se trata de apropriação do espaço e transformação dos recursos da natureza para fins econômicos. Estamos certos de que, quanto mais voltados à exploração econômica para obtenção de lucros, os métodos de transformação do espaço causam mais impactos tanto para a sociedade quanto para as dinâmicas e elementos da natureza – se não fosse assim, o mundo contemporâneo não seria marcado pelas desigualdades sociais (que se manifestam no próprio espaço geográfico, tanto no campo, como no caso de êxodo rural em função da produção em larga escala quanto nas cidades, com a diferença marcante entre áreas de favelas ou moradias precárias e condomínios de alto luxo) e degradação de recursos naturais: poluição do ar, da água, perda de solo, envenenamento, assoreamento de corpos hídricos.

A apropriação, uso e transformação do espaço pressupõe a alteração das características do meio ambiente. Nesse ponto, a Geografia aparece como uma ciência de grande relevância para compreender estas dinâmicas de interface sociedade-natureza e, por isso, é uma disciplina escolar fundamental para o ensino e problematização de questões que interferem diretamente na vida das pessoas. Segundo Souza:

[...]a geografia se faz como uma *pedagogia das relações sociedade e meio ambiente*. Tal enquadramento valoriza as potencialidades desta ciência em termos de proposições ao gerenciamento de recursos, ideias, ações e atitudes políticas que ressignifiquem áreas degradadas e confirmem outros – melhores – rumos às populações que dessas áreas dependam, direta e indiretamente. (SOUZA, 2015, p.18/19)

De acordo com Mendonça:

[...] um estudo elaborado em conformidade com a geografia socioambiental deve emanar de problemáticas em que situações conflituosas, decorrentes da interação entre sociedade e natureza, explicitem degradação de uma ou de ambas. A diversidade das problemáticas é que vai demandar um enfoque mais centrado na dimensão natural ou na dimensão social, atentando sempre para o fato de que a meta principal de tais estudos e ações é a busca de soluções do problema, e que este deverá ser abordado a partir da interação entre estas duas componentes da realidade. (MENDONÇA, 2002, p. 134 *Apud* SOUZA, 2015, p.21)

Conforme a citação acima, a natureza na maior parte das vezes sofre forte influência do homem, mas, ao mesmo tempo interage com a sociedade, interferindo nas suas dinâmicas, seja no que diz respeito à produção econômica (áreas de formação de recursos minerais, dependência da produção agrícola com relação aos ritmos da natureza), seja no que diz respeito às suas manifestações nas cidades, os impactos das chuvas, as inundações e deslizamentos que afetam o dia a dia das pessoas e as colocam em risco. A natureza sofre a influência do homem, que corta as matas, altera encostas de morros para habitá-las e, como consequência disso, estas áreas com uma grande tendência de sofrer com deslizamentos, formação de ravinas e erosão, para o homem vai gerar perdas.

É a sociedade que produz os territórios interessantes à análise geográfica. Se a geografia é concebida enquanto ciência que se ocupa das análises espaciais, da produção e transformação do espaço, das diferenciações estruturais do espaço e suas formas e conteúdos, então, são nas ações da sociedade que os geógrafos focalizam seus trabalhos, por meio de teorias, métodos e técnicas que diagnostiquem problemas ambientais. Assim, as pesquisas são desenvolvidas e adquirem seus significados, suas razões de ser. Neste sentido, a geografia se apresenta como ciência socioambiental na medida em

que se entrecruzam suas características de ciência social dos territórios e ciência humana da natureza. (SOUZA, 2015 p.22)

“Dentre diversos elementos que caracterizam os seres humanos em sociedade, merece destaque a condição híbrida. O homem é natureza e cultura. O contexto social determina suas ações e comportamentos, mas, também não se pode negar que é um produto da longa história natural”. (SOUZA, 2015.p.22)

A floresta não é somente uma extensão de árvores, muitas vezes encarada como entrave aos interesses econômicos (como necessidade de desmatamento para implantação de atividade agrícola) ou como alvo destes (foco da atividade madeireira). Mas, é preciso considerá-la enquanto quadro complexo de geofácies e geótopos cujas dinâmicas (com o clima, o solo, o relevo) devem ser compreendidas e preservadas. Pois, é no entendimento das relações ecológicas entre os diversos elementos dos geocomplexos que reside a possibilidade de um bom uso dos recursos naturais. (SOUZA, 2015, p.25)

Para que seja possível o bom uso dos recursos da natureza é importante, conforme o texto acima sugere, conhecer os aspectos naturais da paisagem, como a dinâmica geológica-geomorfológica, fluvial e climática, afim de que se possa estabelecer usos adequados e harmoniosos dos recursos naturais.

Esta consideração pode ter implicações positivas sobre o modo pelo qual deve se conceber o meio ambiente na geografia. Isto é, como produto de interface da sociedade com a natureza, sem a definição reducionista que concebe a existência destes diferentes universos enquanto ausência um do outro ou em processo de distanciamento ou exclusão mútuo, onde a sociedade, muitas vezes, emerge como uma “modalidade de esquecimento da natureza”. (MOSCOVICI, 1975 *Apud* SOUZA, 2015, p.25)

A paisagem “[...] é um termo muito amplo, que transita entre as fronteiras da materialidade e da imaterialidade” (SOUZA, 2015, p. 29).

3.1 O GTP (GEOSSISTEMA-TERRITÓRIO-PAISAGEM): UM MODELO PARA INTEGRAÇÃO GEOGRAFIA FÍSICA-GEOGRAFIA HUMANA

Georges Bertrand em muitas de suas obras aborda o tema da divisão da Geografia Física e Humana, de modo a problematizá-la. De tal forma pode se dizer que Bertrand considera a paisagem como sendo uma possibilidade para a unificação das teorias da Geografia. Assim sendo, propôs que é necessário ter-se uma compreensão do conceito da paisagem de forma que, “o estudo das paisagens não pode ser realizado

senão no quadro de uma Geografia física global” (BERTRAND,2004). Ou seja, conforme Bertrand propõe:

O problema é de ordem epistemológica. Realmente, o conceito de “paisagem” ficou quase estranho à geografia física moderna e não tem suscitado nenhum estudo adequado. É verdade que uma tal tentativa implica numa reflexão metodológica e pesquisas específicas que escapam parcialmente à geografia física tradicional. Esta é, com efeito, desequilibrada pela hipertrofia da pesquisa geomorfológica e por graves carências, em particular no domínio das ciências biogeográficas. (BERTRAND, 2004, p.141)

Também é preciso considerar que, durante muito tempo, o entendimento geográfico da paisagem foi carente no que diz respeito à integração dos aspectos físicos e, além desses, dos socioculturais. É preciso entender que a paisagem não é “[...] uma simples adição de elementos geográficos separados” (BERTRAND,2004).

Conforme Bertrand:

Enfim, as paisagens ditas “físicas” são com efeito quase sempre amplamente remodeladas pela exploração antrópica. A divisão em parcelas, territórios, comunidades, quarteirões e “pays” vai então constituir um dos critérios essenciais da taxonomia das paisagens. (BERTRAND, 2004)

Deste modo, a classificação não é somente conceitual, mas de maneira a relatar os agentes formadores da imagem real. Assim, Bertrand define uma tipologia das paisagens, ou seja, a classificação de elementos bióticos que vão desde a presença de animais (pássaros, rãs, insetos e a microfauna) até elementos geológicos (rios, lagos, mares e montanhas) para a elaboração de um conceito naturalista.

No momento, o principal interesse da “*geochemical landscape*” é chegar a uma tipologia dinâmica das paisagens em função da migração das substâncias geoquímicas. Distinguem-se 3 categorias de paisagens: um tipo “residual” (estável), um tipo de “trânsito” (perda de substância) e um tipo de “acumulação.” [...] A delimitação não deve nunca ser considerada como um fim em si, mas somente como um meio de aproximação em relação com a realidade geográfica. Em lugar de impor categorias pré-estabelecidas, trata-se de pesquisar as descontinuidades objetivas da paisagem. (BERTRAND, 2004 p.144)

Bertrand buscou por uma modelização da paisagem, ao invés de dar continuidade ao levantamento monográfico típico da geografia francesa. Para ele era preciso passar da monografia ao modelo, da análise para a síntese. Assim:

[...], é preciso procurar talhar diretamente a paisagem global tal qual ela se apresenta. Naturalmente a delimitação será mais grosseira, mas as combinações e as relações entre os elementos, assim como os fenômenos de convergência aparecerão mais claramente. A síntese, no caso, vem felizmente substituir a análise. [...] O sistema taxonômico deve permitir classificar as paisagens em função da escala, isto é, situá-las na dupla perspectiva do tempo e do espaço. Realmente, se os elementos constituintes de uma paisagem são mais ou menos sempre os mesmos, seu lugar respectivo e sobretudo suas manifestações no seio das combinações geográficas dependem da escala temporo-espacial. Existem, para cada ordem de fenômenos, “inícios de manifestações” e de “extinção” e por eles pode-se legitimar a delimitação sistemática das paisagens em unidades hierarquizadas. Isto nos leva a dizer que a definição de uma paisagem é função da escala. (BERTRAND, 2004, p.144)

A reflexão sobre o papel da escala na definição da paisagem é fundamental. A escala pode mudar o foco da imagem: quanto maior é a escala, menores serão os detalhes da paisagem. Por outro lado, dentro da menor escala obtêm-se a maior descrição do espaço, por possuir mais nitidez e precisão dos elementos formadores da paisagem. Desta forma, exemplifica-se a partir das imagens 01 e 02 (Amazônia), Figura 01, em que na maior escala (imagem 01) não é possível visualizar maiores detalhes, por se tratar de uma representação vertical, do céu para o chão.

Já na segunda imagem é possível observar a linha do horizonte, onde há o encontro do céu com a terra, deste modo temos uma paisagem, pois possui maior riqueza em detalhes na sua representação.



FIGURA 01 – Diferença da vista vertical e horizontal na observação da paisagem. Diferentes perspectivas: a paisagem surge na zona de contato entre a terra o céu. Michel Courajoud, arquiteto paisagista francês, em artigo presente no livro *Filosofia da Paisagem*, uma antologia, de Adriana V. Serrão fala a respeito desta definição. Podemos interpretar que não há paisagem quando se olha diretamente para o chão. Assim como não haveria se olhássemos diretamente para o céu. É preciso ter a zona de contato, a linha do horizonte. Na perspectiva de Georges Bertrand, a Paisagem é a soma de todos os elementos físicos e humanos presentes na mesma; ou seja a integração de natureza com e suas dinâmicas com a presença e ação antrópica, um agindo sobre o outro integrando a paisagem. Fonte das imagens: 1) Google Earth; 2) Projeto Conservação Juma.

Bertrand então propõe seis escalas de análise, sendo a primeira a se classificar como “zona”; ou seja, a zona é a escala planetária dos fenômenos: zonas climáticas e biomas. Na segunda escala, temos o que Bertrand sugere como sendo o “Domínio” este ligado a relevos “a hierarquia dos fatores pode não ser a mesma (domínio alpino, domínio atlântico europeu...)” (BERTRAND, 2004, p.145), estes também ligados à formação dos relevos a partir dos domínios climáticos de cada região. Na terceira categorização temos a “Região natural”, que compreende “[...] “frente montanhosa” hiperúmida e hipernebulosa caracterizado por um andar biogeográfico original [...]” (BERTRAND, 2004, p 145), ou seja, montanhas e relevos que não sofreram intervenções antrópicas.

Como quarto entalhamento, define como sendo o “Geossistema”: “[...]fatores (sistema de declive, clima, rocha, manto de decomposição, hidrologia das vertentes) e de uma dinâmica comum (mesma geomorfogênese, pedogênese idêntica, mesma degradação antrópica da vegetação)” (BERTRAND, 2004, p. 145), desta forma, pode-se dizer que são os fatores que influenciam as formas e dinâmicas da paisagem com a intervenção do ser humano.

O geossistema corresponde a dados ecológicos relativamente estáveis. Ele resulta da combinação de fatores geomorfológicos (natureza das rochas e dos mantos superficiais, valor do declive, dinâmica das vertentes...), climáticos (precipitações, temperatura...) e hidrológicos (lençóis freáticos epidérmicos e nascentes, pH das águas, tempos de ressecamento do solo...). (BERTRAND, 2004, p.146/147)

Destaca-se a Figura 02, logo abaixo como forma mais visual de se observar a proposta do Geossistema de Bertrand:

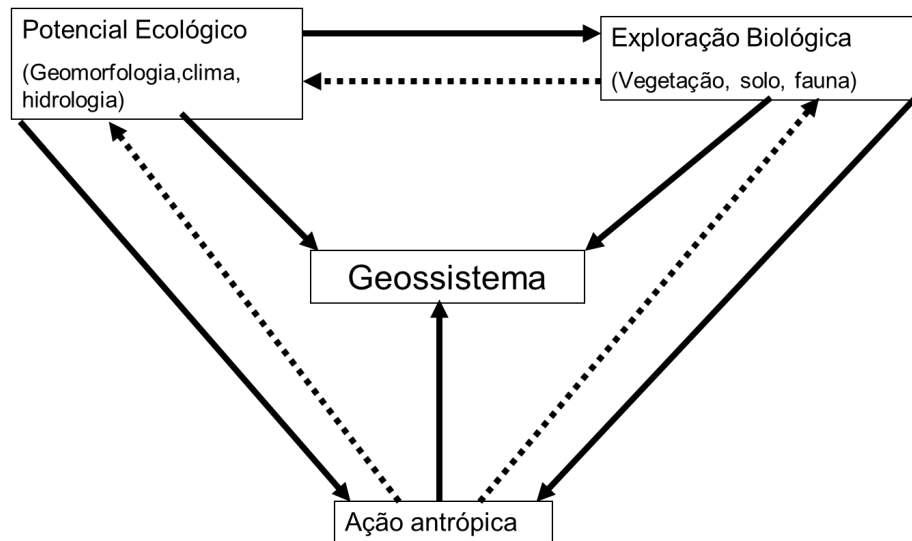


FIGURA 02 - Representação dos subsistemas que integram o Geossistema na perspectiva de Georges Bertrand. Este esquema está presente no texto “Paisagem e Geografia Física Global: Esboço Metodológico. Fonte: BERTRAND, 2004 [1968].

Portanto, dentro das classificações bertranianas temos o quinto elemento, sendo este os “Geofácies”, que determinam o estudo das formas do relevo ao decorrer da acumulação do tempo, ou seja, a característica de cada relevo e seus potenciais de formação ao longo de sua gênese, além de certa homogeneidade fito-fisionômica. Na última forma de classificação temos o “Geótopo” que se caracteriza por ser a menor unidade do geossistema, ou seja, o clima em determinado fundo de vale dentro de uma cadeia montanhosa ou ação antrópica dentro de uma bacia hidrográfica, também pode ser considerada uma área de nascente, por exemplo. Enfim, o geótopo é a menor unidade diretamente discernível no terreno pelo observador. Na figura 03, a seguir, visualiza-se estas escalas de maneira mais sintética na visão de Bertrand:

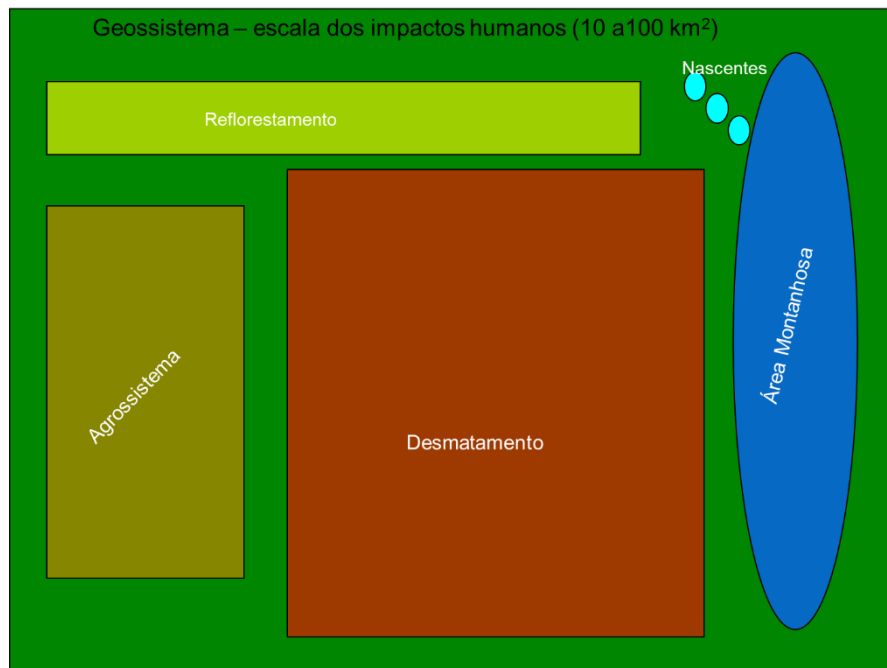


FIGURA 03 - Representação das sub-escalas do geossistema. Agrossistema, reflorestamento, desmatamento, área montanhosa, neste caso, são geofácies; os pontos marcados como nascentes são geótopos. Todo o conjunto pode ser chamado de um geossistema.

Em vista disso, Bertrand classifica como sendo o ápice do estudo específico a quarta grandeza de sua classificação metodológica, que de certa forma faz os apontamentos dos elementos formadores da imagem agrupados dentro de um estudo completo / “global” da paisagem; ou seja, o Geossistema.

Por conta disto, ele classifica os geossistemas em sete categorias, sendo elas: o geossistema de “biostasia”, que corresponde, neste caso, a elementos da paisagem que sofreram ou sofrem a ação do meio natural, pela ação dos “[...]agentes e os processos bio-químicos: pedogênese, concorrência entre as espécies vegetais, etc...” (BERTRAND, 2004, p.149). Já na segunda categorização de geossistemas, temos os “geossistemas climáticos” que correspondem “[...] a paisagens onde o clímax é mais ou menos bem conservado, por exemplo, uma vertente montanhosa sombreada com “cobertura viva” [...]” (BERTRAND, 2004, p.149), onde neste caso não há a influência humana no clima.

A terceira classificação é o que o autor descreve como sendo a dos “geossistemas paraclimáticos” em que aborda os climas com forte ação humana pela qual interfere de maneira parcial na dinâmica do clímax de determinada região, das quais Bertrand cita a substituição de florestas naturais por silvicultura, por exemplo, que

interfere diretamente no clima da região pois onde antes havia uma floresta tropical úmida, agora há uma floresta silvícola (pinus, eucalipto), pela qual não é capaz de substituir de forma necessária a retenção de umidade pelo solo, que conseqüentemente o torna mais seco e desta forma interfere na dinâmica do clima.

Na quarta grandeza das tipologias de geossistemas de Bertrand temos “Geossistemas Degradados com dinâmica progressiva” que acometem a paisagem continuamente degradada pela ação humana, que passam por um período de “abandono” pelo qual a vegetação aos poucos se recupera, mas não substituem a mata que ali estava antes e devido a isso sofre com a degradação de seu solo, gerando formação de erosão. Dentro dos Geossistemas degradados, Bertrand classifica também de “Degradação Regressiva”: [...]representam as paisagens fortemente humanizadas onde a pressão humana não afrouxou ainda (montanhas cantábricas com economia agropastoril). A vegetação é modificada ou destruída, os solos são transformados pelas práticas culturais e o percurso dos animais.” (BERTRAND, 2004, p.150)

Como sexta tipologia, Bertrand cita os “Geossistemas em Resistasia” que são:

A erosão, o transporte e a acumulação dos detritos de toda a sorte (húmus, detritos vegetais, horizontes pedológicos, mantos superficiais e fragmentos de rocha *in loco*) levam a uma mobilidade das vertentes e a uma modificação mais ou menos possante do potencial ecológico. (BERTRAND, 2004, p.150)

Este seria pela ação da erosão no solo que, através de sua dinâmica, é capaz de gerar profundos danos à paisagem de maneira que é capaz de “engolir” paisagens onde antes era possível ver um rio profundo e, agora, com a ação da erosão constante do solo, é possível ver o mesmo assoreado.

Bertrand classifica a sétima ordem como sendo a de “Geossistema com Geomorfogênese Natural” pelo qual destaca “[...] regiões áridas e semi-áridas, assim como na alta montanha, a erosão faz parte do “clímax”, isto é, ela contribui a limitar naturalmente o desenvolvimento da vegetação e dos solos[...] (BERTRAND, 2004, p. 150) pela qual possui o escoamento do sistema hídrico distribuído através de canais divididos entre eles. No quadro 02 a seguir demonstra-se de maneira mais sucinta essas seis escalas mais importantes:

QUADRO 02 – Escalas de análise conforme Bertrand.

Escalas espaciais de análise conforme Bertrand	
Ordem	Características
ZONA	É a escala planetária dos fenômenos: Zonas climáticas e biomas
DOMÍNIO	Este ligado a relevos “a hierarquia dos fatores pode não ser a mesma (domínio alpino, domínio atlântico europeu...), ligados à formação dos relevos a partir dos domínios climáticos de cada região.
REGIÃO NATURAL	Caracterizado por um andar biogeográfico original, ou seja, montanhas e relevos que não sofreram intervenções antrópicas.
GEOSSISTEMA	São os fatores que influenciam as formas e dinâmicas da paisagem com a intervenção do ser humano. Fatores (sistema de declive, clima, rocha, manto de decomposição, hidrologia das vertentes) e de uma dinâmica comum (mesma geomorfogênese, pedogênese idêntica, mesma degradação antrópica da vegetação)
GEOFÁCIES	É o estudo das formas do relevo ao decorrer da acumulação do tempo, ou seja, a característica de cada relevo e seus potenciais de formação ao longo de sua gênese.
GEÓTOPO	Se caracteriza por ser a menor unidade do geossistema, ou seja, o clima em determinado fundo de vale dentro de uma cadeia montanhosa ou ação antrópica dentro de uma bacia hidrográfica

Organização: SIRTOLI, E. 2017.

“Os sistemas regressivos com geomorfogênese ligada à ação antrópica”(BERTRAND, 2004, p.150): esta é a última tipologia que Bertrand sugere, em que são caracterizadas paisagens com ação humana em que a mesma se encontra fortemente ligada à presença de erosão e ravinas provocadas pela ação agrícola no solo, pelas quais possui uma carga pequena de detritos sendo transportados morro abaixo, devido ao fato de possuírem camada superficial vegetal por causa da presença de culturas agrícolas ou agropastoril.

Mas, com o passar do tempo, Bertrand percebeu que era necessário um novo estudo da paisagem que fosse capaz de abranger todos os elementos formadores. Então, o autor propôs o modelo GTP (Geossistema, Território e Paisagem) em 1990, pelo qual busca a aproximação entre Geografia Humana e Física e a concomitância das duas para a interpretação e análise da paisagem, visto que a mesma possui, em sua concepção, aspectos físicos e humanos, os quais, por muito tempo, foram estudados quase que separadamente. De certa forma, isto gerou uma inquietação em Bertrand, que buscou a unificação das perspectivas humanas e físicas através da utilização do sistema GTP.

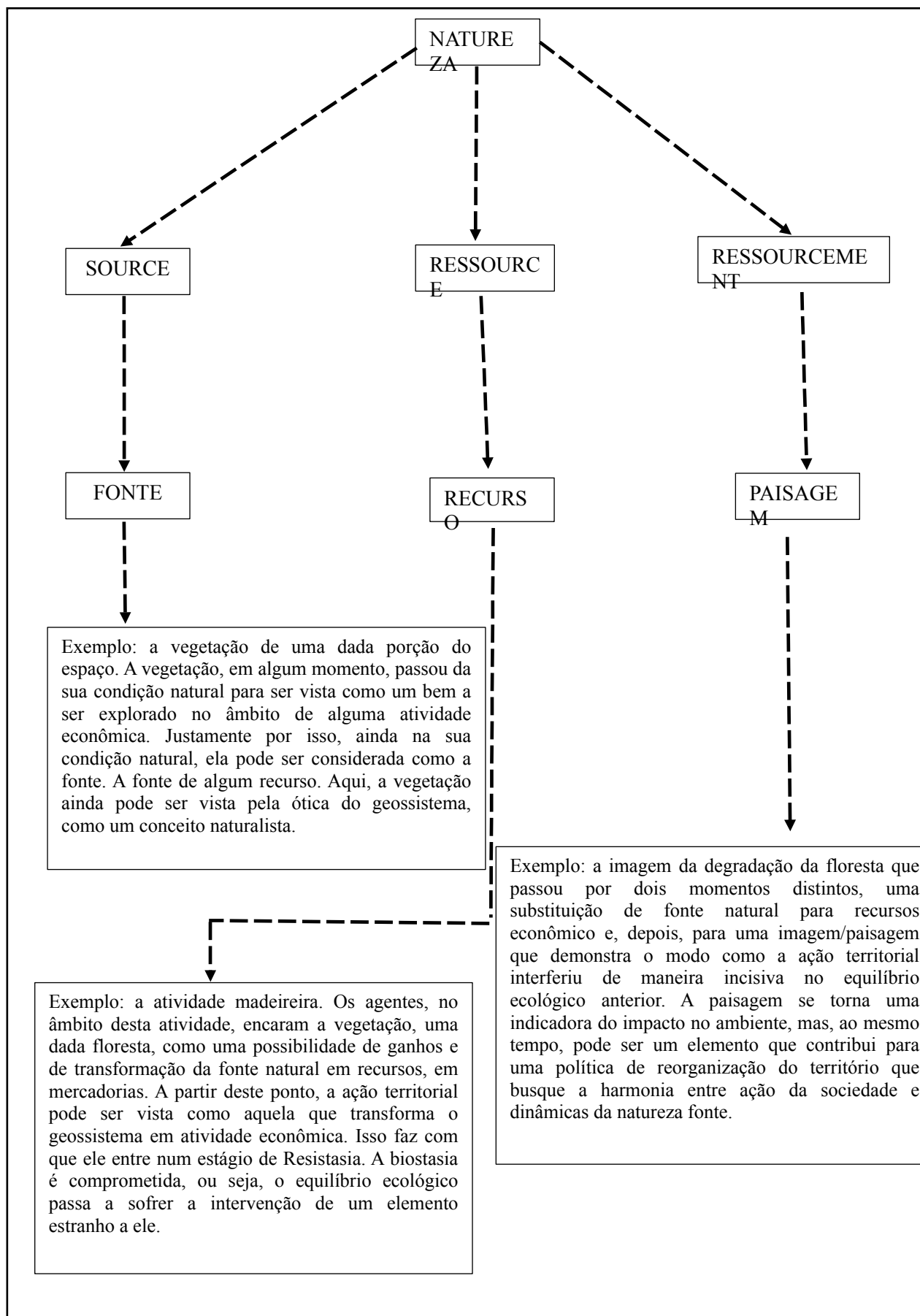
Assim, a primeira entrada do GTP é o “Geossistema”, que corresponde aos fatores naturais com interferência ou não da ação humana: aspectos geológicos, geomorfológicos, climáticos, hidrológicos, pedológicos, biogeográficos e, também, antrópicos. “O Geossistema é o tempo da Fonte[...], isto é aquele dos componentes e mecanismos biofísicos mais ou menos antropizados [...] de acordo com uma grande

parte dos fenômenos espaciais e geomorfogênicos sem negligenciar os aspectos biológicos.” (BERTRAND, 2009, p.325)

Na segunda entrada temos o “Território” que nada mais é do que a transformação da natureza-fonte em natureza-recurso, “[...] o tempo dos Recursos [...]. Corresponde à descoberta e uso dos diferentes recursos e de sua exploração econômica pelas sociedades.” (BERTRAND, 2009, p. 325)

Por fim, a terceira entrada do GTP é a “Paisagem,” que corresponde à integração de todos os elementos físicos e humanos formadores da mesma. Na paisagem há acúmulos espaço-temporais devido à apropriação humana, também as dinâmicas da geomorfogênese, climáticas, biogeográficas que, juntas, são responsáveis pela criação e multiplicação das constantes mutações da imagem ao longo da sua história. Inclui-se nisso, as intervenções antrópicas e, não apenas o antrópico como conceito naturalista, mas, a consideração da sociedade como um sistema complexo composto pelos subsistemas econômico, político e cultural. (ver esquema a seguir,Quadro 03):

QUADRO 03 - Representação conceitual do GTP e a filtragem do significado de natureza e suas mutações pela ação da sociedade. A paisagem é elaborada de acordo com essas transformações.



Assim, pode-se considerar que o homem é idealizador da paisagem, através da transformação técnica do espaço, da natureza e do tempo.

“A paisagem é o tempo do Ressurgimento[...] em sentido amplo. Ela se inscreve em múltiplas temporalidades do vivido e das representações, dos símbolos, dos mitos e dos sonhos.” (BERTRAND, 2009, p. 325)

Na figura 04, percebe-se como se estabelece o sistema GTP:

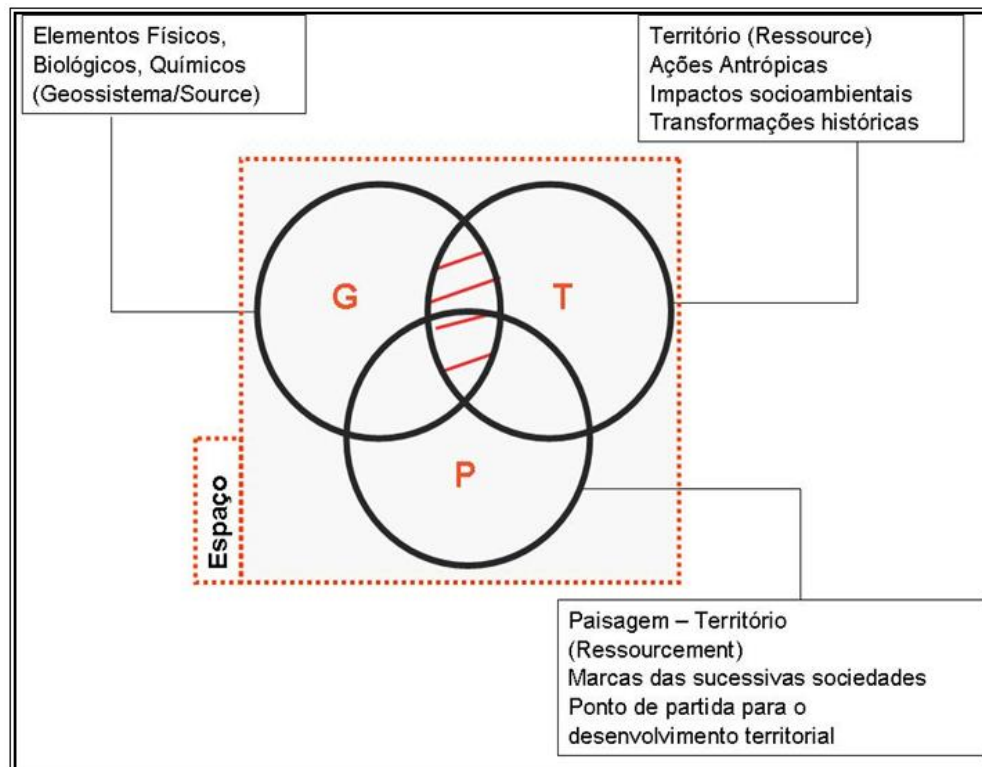


FIGURA 04 - Representação do sistema GTP, conforme a proposta de Georges Bertrand. Fonte: Reginaldo J. Souza, 2010)

O geossistema com finalidade naturalista toma em consideração a “natureza” antropizada. O território com finalidade sócio-econômica corresponde à abordagem clássica da geografia humana. A paisagem com finalidade cultural introduz a dimensão das imagens e das representações. Não há hierarquia entre os três pólos, mas complementaridades: é isto que dá a flexibilidade ao funcionamento científico. (PASSOS, 2011, p.02)

Nós podemos dizer que o sistema GTP nada mais é do que a busca da globalização do termo paisagem dentro da geografia:

A partir dele, o passo seguinte consiste em analisar o espaço geográfico no seu funcionamento, como uma interface entre natureza e sociedade. A tentativa analítica começa por um inventário “pré-paisagem”, tirado de três abordagens. Uma repousa sobre a exploração do “quadro espacial”, que

examina o terreno de estudo segundo um efeito de zoom: caracteres gerais do espaço considerado, subconjuntos, “quarteirões paisagem”, parcelas paisagens, elementos paisagens. A outra explora “um quadro social”. A última utiliza um “quadro histórico”, permitindo fechar na duração dos “estados paisagens” e dos “ritmos paisagens”: atividades, fenomenologia dos tipos de tempos com suas implicações sobre as formas, as cores, os sons, as sensações etc. (PASSOS, 2011, p.16)

Por sua vez cabe ressaltar que o geossistema no GTP se fundamenta nos “aspectos geoecológicos de um determinado espaço metamorfoseado em recursos a partir do instante em que sua dinâmica natural é alterada pela utilização humana.” (SOUZA, 2010, p.33). Ainda conforme Souza: “[...]onde há projeto humano há território. Logo, somos automaticamente levados a refletir e analisar[...] representações sociais que assumem diversas formas e conferem identidades a este território” (SOUZA, 2010, p.33). A constituição teórico-conceitual da paisagem contempla as categorias de espaço, natureza, território e lugar.

Mas tal categorização não foi suficiente para saciar a fonte metodológica da imagem, pois, “muitas vezes a sociedade foi analisada por métodos pertencentes às ciências da natureza e estas, por sua vez, mergulharam tanto dentro de si a ponto de uma quase cegueira, surdez e insensibilidade diante da dinâmica/ interação/integração dos próprios fatos naturais.” (SOUZA, 2010, p.39). Portanto, a paisagem pode ser uma forma de superação da dicotomia físico-humana, de qualquer falta de diálogo ainda existente no âmbito da Geografia .

4 UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE ENSINO BASEADA EM UM CONCEITO INTEGRADOR DE PAISAGEM

4.1 A PAISAGEM COMO RECURSO METODOLÓGICO

Neste trabalho defendemos que, para uma melhor compreensão da paisagem no ensino de Geografia, é necessário adentrar na proposta de Georges Bertrand, que pressupõe que a paisagem deve ser analisada a partir de todos os elementos formadores da mesma, ou seja, os físicos e humanos, para além da abordagem unicamente naturalista ou unicamente social. É possível afirmar que:

[...] a paisagem não é adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução (BERTRAND, 2004, p. 141)

Ao observar que a paisagem é composta por elementos naturais bióticos e abióticos e as ações humanas, pode-se dizer que é importante usar os “filtros”² que a Geografia disponibiliza para melhor compreendê-la. Callai, observa que:

[...] ler a paisagem, ler o mundo da vida, ler o espaço construído. Eis uma atividade que de um ou outro modo todos fazemos. E mais precisamente, é isto que se espera da Geografia no mundo atual.[...] O nosso grande trabalho é fazer esta leitura com referenciais teóricos que permitam teorizar, superando o senso comum e fazendo análises que possibilitem uma interpretação e compreensão dos mecanismos que constroem os espaços. (CALLAI, 2003, p. 60-61 *Apud* PUNTEL, s/a, p.229)

Desta maneira, cabe-nos destacar que, na maior parte das vezes, a paisagem está vinculada com a simples descrição dos objetos no espaço. Por isto, existe muita confusão entre a paisagem total e os elementos da paisagem: muitas pessoas acham que a floresta é paisagem, ou um rio, uma praia, uma montanha. Também, muito se fala sobre a paisagem urbana como sinônimo da “selva de pedra”, aquela vista de ângulos dentro da cidade onde comparecem de modo mais evidente os prédios, as fábricas, as ruas, as avenidas. Enfim, confunde-se muito a paisagem com a vista ou com um elemento em particular. Mas, a paisagem vai além disso, sendo produto da combinação entre as ações dos homens com determinadas dinâmicas da natureza.

² No texto, a palavra “filtro” foi utilizada para observar os conceitos que cada um já possui em relação a Paisagem, na Geografia, a partir do conhecimento adquirido ao longo da vida escolar.

Porém, por meio do ensino de Geografia é possível fazer os apontamentos necessários para que o aluno possa ver além do elemento ou da própria vista, desta forma;

[...] enquanto a paisagem, a conexão e a relação entre diferentes paisagens são superficialmente estudadas. Embora o conceito de paisagem seja complexo e motivo de pouco consenso entre os geógrafos, uma parcela da ciência geográfica ainda se dedica com serenidade às ambiguidades conceituais relativas à paisagem, a questões mais pragmáticas e estratégicas das transformações das paisagens e sua percepção, sendo considerada objeto de estudo de alguns geógrafos. (MYANAKI, 2003, p.20)

Cabe destacar que a paisagem é ainda muito pouco utilizada no ensino fundamental. Às vezes, de um modo bastante difuso, devido ao fato de a paisagem ainda aparecer como ilustração de quadros naturais ou aspectos de áreas urbanas, contudo, com pouco aprofundamento sobre uma educação política tomando a paisagem como ponto de partida, por exemplo.

Um processo educativo que deseje transformar seus educandos em cidadãos conscientes, atuantes, questionadores e agentes da construção da paisagem, deve empreender esforços na direção do conhecimento e apreensão da mesma. (MYANAKI, 2003, p.20)

Com isso não negamos a importância da imagem no estudo da paisagem. Muito pelo contrário, concordamos com o fato de que a arte, de modo geral, desempenha um papel fundamental associado ao entendimento paisagístico.

[...] a paisagem geográfica através da arte é uma forma de desvendar a dinâmica de formação e transformação dessa paisagem e também construir um novo olhar e percepção sobre a paisagem, afim de que o indivíduo se torne sensível à mesma. (MYANAKI, 2003, p. 34)

Cabe ressaltar que a paisagem, no ensino, pode ser pensada e analisada através da arte, como abstração/representação dos elementos formadores da mesma, mas, vale ressaltar que não é a melhor e única forma de se trabalhar com a paisagem, pois “[...] paisagem como um local apazível, distante, alheio e digno de ser representado em uma obra de arte é um equívoco conceitual que não traduz conotações da Geografia”. (ANDREIS, 2012, p. 82). Conforme (TUAN 1997 *Apud* MYANAKY, 2003):

Um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva. Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém, a sua imagem pode não ser nítida, a menos que também passamos a vê-lo e pensemos em nossa experiência. A outro lugar pode faltar o peso da realidade porque o conhecemos apenas de fora - através dos olhos de turistas e de leitura de um guia turístico. É uma característica da espécie humana, produtora de símbolos, que seus membros possam apegar-se apaixonadamente a lugares de grande tamanho, como a nação-estado, dos quais eles só podem ter uma experiência direta limitada. (TUAN, 1977, p.20 *Apud* MYNACKY, 2003 p. 34).

Portanto, para melhor percepção e análise dos elementos paisagísticos, é necessário a vivência e experiência adquirida ao longo dos anos de acúmulo ou apego e pertencimento, desta forma destaca-se, porém, que, dentro da análise da paisagem é necessário fazer com que o aluno seja capaz de fazer a diferenciação de paisagens a partir das perspectivas, das quais Bertrand sugere; em que, além do lado artístico do belo, seja analisado características como formação geológica de determinado espaço, tempo de formação e ação antrópica, também das características climáticas e biogeográficas.

Outros fatores determinantes em conta:

- Características espaciais da paisagem: é necessário observar a configuração a partir de determinada escala, possíveis fatores determinantes de mudança ou continuidade;

- Os tempos da paisagem: podendo ser da ação da natureza em seu tempo mais prolongado, ou pela ação do ser humano, em tempo mais rápido, que também possui papel fundamental para a mudança mais intensa da paisagem - seja este pelo desmatamento e conseqüentemente pela erosão provocada pela ação pluvial e fluvial, assoreamento e desequilíbrio geo-ecológico.

Desta forma, destaca-se que o ensino de Geografia deve ter como principal objetivo possibilitar com que o aluno seja capaz de fazer as pontuações necessárias, utilizando-se dos filtros que a Geografia oferece nos estudos e análises da paisagem, através dos recursos didáticos, incluindo a dimensão da arte, das imagens fotográficas do horizonte, onde há possibilidade de se perceber uma paisagem, porém é papel fundamental do educador fornecer as ferramentas teóricas necessárias para se obter melhor entendimento dos alunos sobre a paisagem.

O aluno deve ser capaz de fazer análises integradoras:

I) Compreender a utilização do espaço observado: quais são os grupos sociais? A que faixa de renda pertencem? Quais são os padrões de moradia? São áreas industriais? São áreas de ocupação irregular? Quais são os limites físicos da bacia hidrográfica ocupada? A inclinação das vertentes? Capacidade de resistência do solo aos processos erosivos?

II) Compreender as dinâmicas da natureza e suas consequências de acordo com o modo em que o espaço é ocupado: como uma simples chuva se torna um problema? Como a erosão pode representar um risco para moradores? Como as pessoas resistem a esses processos?

“Extrair informações do ambiente é a parte essencial do processo ensino-aprendizagem. Se o objetivo é construir o conhecimento sobre a paisagem, as informações obtidas diretamente do ambiente são parte da matéria essencial desse conhecimento. (MYNAKY, 2003, p.38)

Então, o professor pode utilizar a abordagem integrada de Bertrand, desde o esboço teórico-metodológico de 1968 sobre o geossistema. A seguir, também esboçamos uma possibilidade pensada por nós, para contribuir com uma leitura integrada da paisagem.

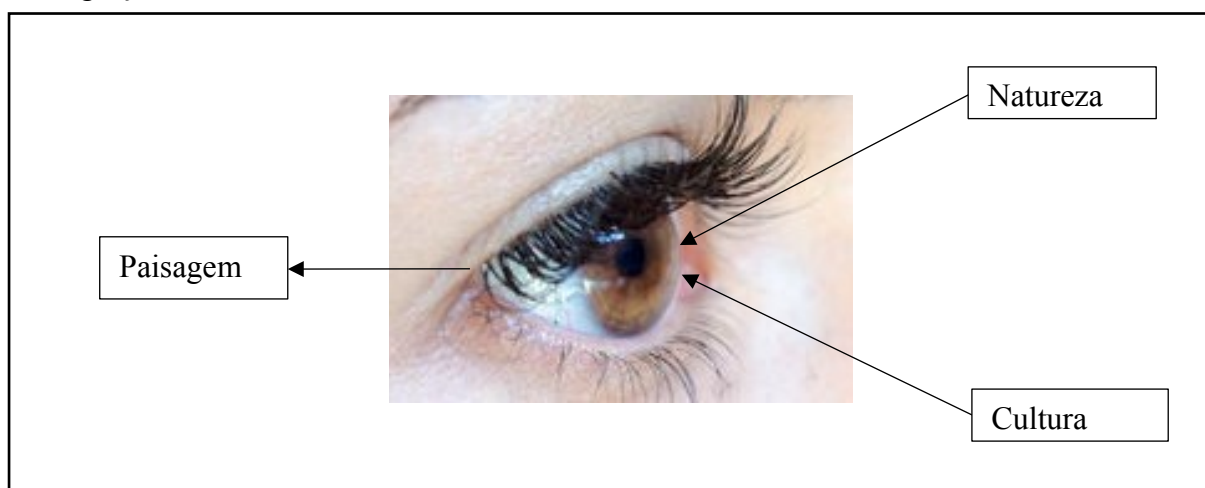
Primeiramente, algumas questões provocadoras podem ser trabalhadas com o intuito de se mapear a proximidade, ou não, do estudante com a temática da paisagem, (Quadro 04). Lembrando que esta estratégia pode ser aplicada para qualquer série do ensino fundamental ou médio, dependendo apenas do nível de aprofundamento e outros recursos que o professor queira e possa utilizar.

QUADRO 04 – Questões iniciais sobre a paisagem.

Quais ideias vem em sua mente quando se fala de paisagem?
Como você define a palavra paisagem?
Qual é o tamanho da paisagem?
Você acha a paisagem uma coisa importante? Por que?
A paisagem é uma coisa bonita ou feia? Por que? Pode nos dar um exemplo?

Então, feito o “mapeamento” conceitual, é importante frisar que a paisagem é algo que surge da interface entre natureza e cultura, esta entendida em sentido amplo: economia, política, técnica, enfim, toda a transformação/artificialização da natureza. O esquema a seguir (Figura 05), pode ser demonstrado para melhor compreensão desta ideia.

FIGURA 05 - Esquema Visão de natureza e cultura e a formação da paisagem na integração dos dois conceitos.



Organização: SIRTOLI, E., 2017.

A partir do esquema acima é possível afirmar que os elementos culturais formadores e modeladores da natureza interagem entre si e, conseqüentemente, formam a integração dos elementos formadores da paisagem como um elemento integrado (novo/diferente) de natureza e cultura.

Feitas as primeiras considerações sobre a paisagem como interface natureza/cultura, para auxiliar no aprofundamento da compreensão a partir das primeiras perguntas aos estudantes, então, o professor pode explorar a questão do “tamanho da paisagem”, ou seja, das escalas de observação e análise. Conforme Bertrand, são seis níveis. (Ver Quadro 05)

QUADRO - 05 Escalas de análise da Paisagem, conforme Bertrand 1968

Organização: SIRTOLI, E.,2017

Níveis	Características
Zona	Climas, Mata Atlântica, Matas de Araucárias.
Domínio	Formação dos relevos a partir dos domínios climáticos de cada região.
Região Natural	Distribuição da vegetação (bioma amazônico, pampa, floresta ombrófila mista)
Geossistema	Influências nas formas e dinâmicas da paisagem com a intervenção do ser humano.
Geofácies	Característica de cada relevo e seus potenciais de formação ao longo de sua gênese.
Geótopo	Clima em determinado fundo de vale dentro de uma cadeia montanhosa ou ação antrópica dentro de uma bacia hidrográfica

. A seguir, Figura 06, esquema para a melhor compreensão dos seis níveis propostos por Bertrand:

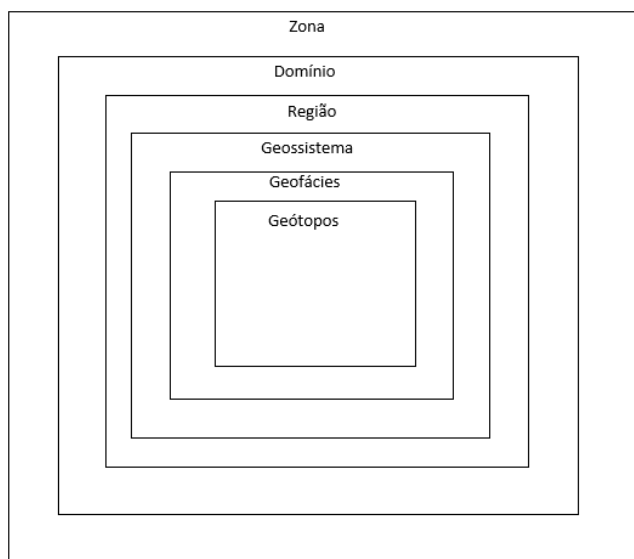


FIGURA 06 -Visualização Esquema das seis escalas proposto por Bertrand

Organização: SOUZA, R,2017.
SIRTOLI, E, 2017

Lembrando que é fundamental ressignificar o uso da fotografia não como mera ilustração. Vamos explorar essa ideia de acordo com a abordagem bertraniana na Figura 07:

Fotografias podem servir como ilustração de algum tema.



1

2

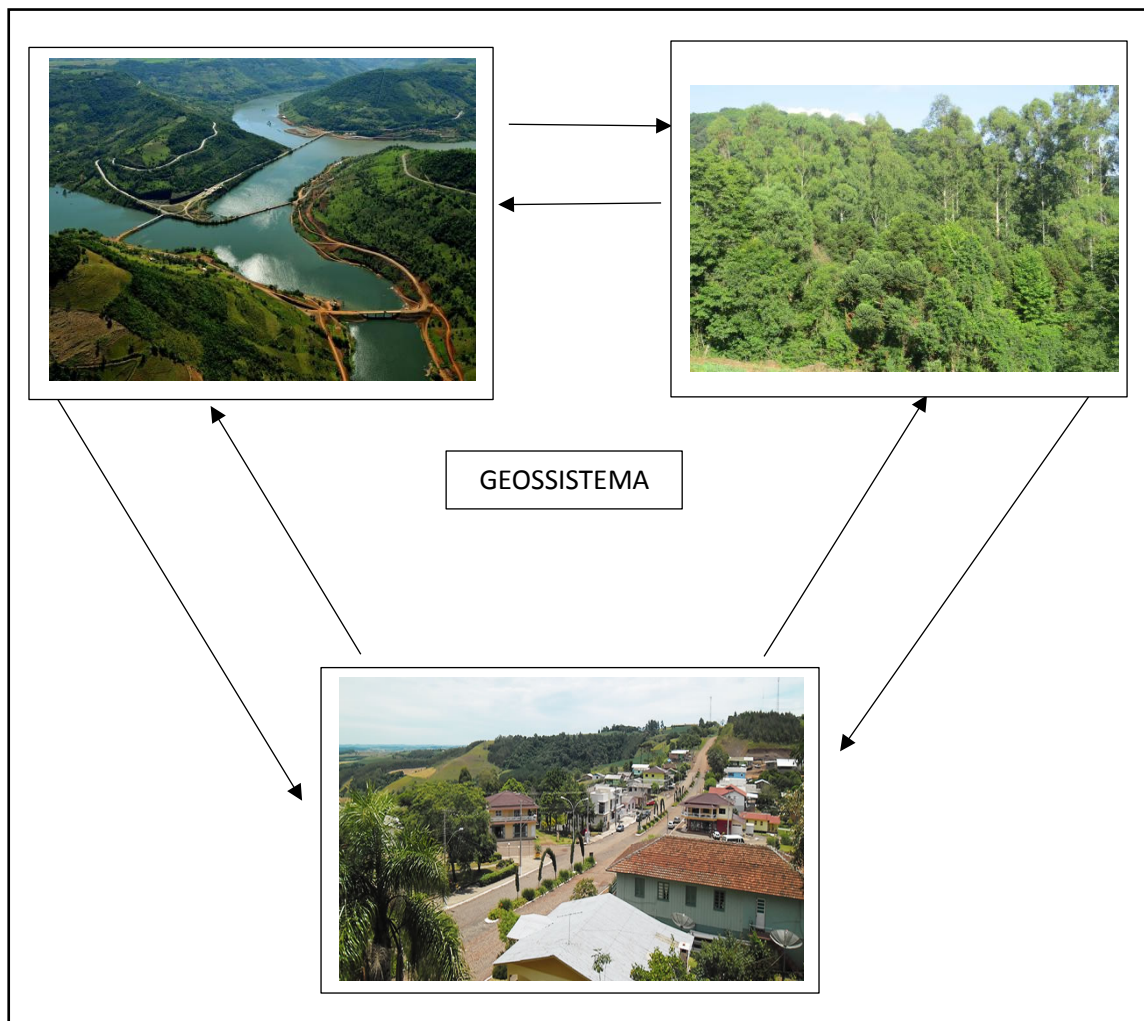


3



Conjunto fotográfico: Imagem 1. Vista Aérea Goio-En. Fonte Google Earth. Imagem 2. Vista Mata com introdução de Pinus. Fonte: Prefeitura Municipal de Erval Grande. Imagem 3. Vista do Horizonte cidade de Erval Grande-RS. Fonte: Prefeitura Municipal de Erval Grande. O professor pode trabalhar com uma caracterização de temas ambientais e usar essas fotografias como ilustração do impacto da usina, da vegetação ou da construção da cidade. Mas, se essas ilustrações não forem acompanhadas de uma relação entre os processos, a potencialidade de foto fica praticamente perdida. Com a perspectiva de análise integrada, essas fotos passam a dialogar entre si, conforme veremos adiante. Figura 08

FIGURA 08 - Forma Integradora da Paisagem Proposta por Georges Bertrand 1968.



Organização: SIRTOLI, A., 2017.

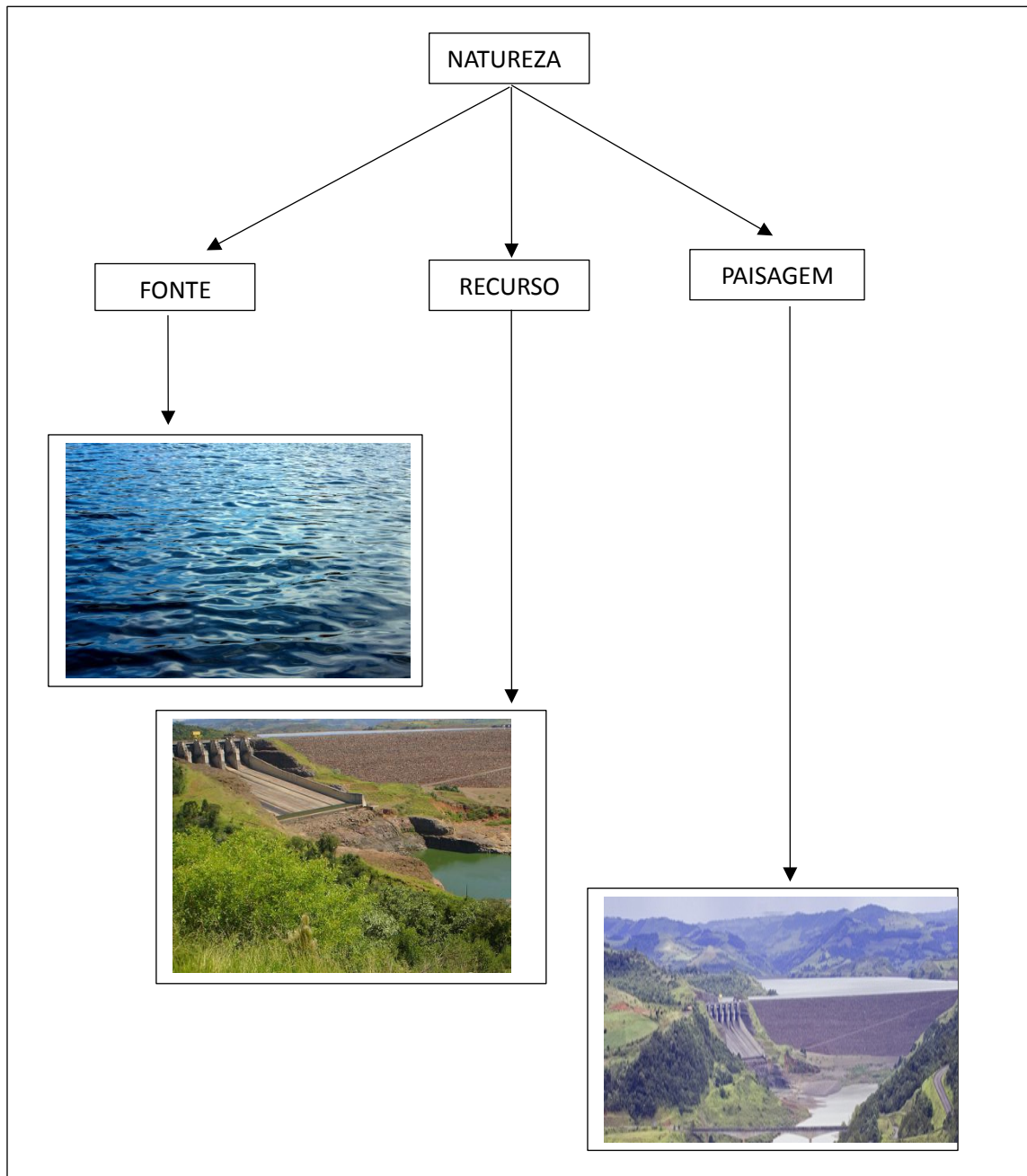
Dentro da classificação do Geossistema proposto por Bertrand, podemos fazer a análise das fotos acima, ao modo de que a natureza quando é utilizada como fonte, em que é vista como Geossistema, na figura 01, pode-se observar que dentro das configurações da imagem, percebe-se o relevo com grande influência antrópica, há cortes para estradas e áreas desmatadas para dar espaço para pastagens que consequentemente configuram uma região com influência agropecuária. Bem como o Rio ser cortado por pontes pelas quais fazem a ligação entre dois estados, SC e RS. O potencial ecológico foi modificado da condição de fonte natural para recurso territorial.

Na segunda fotografia, nota-se a implantação de silvicultura. É destacada a diferença pelo simples fato de que, na mata local, uma das principais características é uma mata densa bastante fechada com diferentes tipos de árvores e diferentes folhagens. Já dentro da silvicultura é possível observar que há uma uniformização das folhagens,

bem como uma “floresta” em linha, pois na ordem natural de uma mata a natureza não segue linhas. Dentro do modelo de leitura marcado por interações entre potencial ecológico (alterado com a construção de estradas e pontes, o próprio rio com suas dinâmicas modificadas por conta dos empreendimentos hidrelétricos) exploração biológica (no caso da vegetação, marcada pela inserção da silvicultura) e ação antrópica (ação humana sobre o potencial ecológico e a exploração biológica), as fotografias passam a fazer mais sentido dentro de um esquema explicativo das modificações espaciais, que são modificações na paisagem. Por fim, a cidade pode ser apresentada como exemplo máximo da ação antrópica no processo de transformação da paisagem.

Além do conceito de geossistema, vem a proposta do GTP onde o estudo da paisagem pode ser ainda mais interessante e complexo, sem ser complicado. Conforme Figura 09:

FIGURA 09 - Esquema Natureza como Recurso, Fonte e Paisagem.



Organização: SIRTOLI, A., 2017.

No esquema acima é possível observar de maneira mais explícita o modelo proposto por Georges Bertrand, que considera a natureza em sua primeira classificação sendo o Geossistema, o mesmo é considerado como fonte; ou seja, a natureza que fornece os elementos necessários para que o homem faça o uso de seus recursos para o seu benefício. Na segunda classificação do GTP, temos o Território, que está compreendido como artifício do ser humano para apropriar-se dos recursos, que a natureza fornece para o aprimoramento de sua técnica e consequentemente a alteração

da paisagem. No terceiro eixo, temos a paisagem como resultado da transformação da fonte em recurso/técnica. A leitura pode ser feita da seguinte forma. Quadro 06

QUADRO 06 – Da *água-fonte* para a *água-recurso* e a *água-paisagem*

Geossistema	Fonte	Água
Território	Recurso	Água para a geração da energia
Paisagem	Resultado	Vista da barragem e o seu impacto na dinâmica natural do rio, formas do relevo e vegetação

Organização: SIRTOLI, A., 2017.

A partir disto citamos outros exemplos como a exploração da paisagem para o entendimento da forma como a desigualdade social se expressa no espaço geográfico. Com isso, apresentamos uma possibilidade de trabalho com questões que ocorrem no espaço urbano de Erechim, Figura 10:



Figura 10: Moradias precárias no bairro Progresso, em Erechim. Com esta foto se pode iniciar uma atividade pedagógica de exploração do entendimento da paisagem através do viés naturalista (ocupação da vertente, do potencial ecológico) e da questão da transformação pela atividade social. Foto: Reginaldo Souza, 2017.

Destaca-se, na imagem anterior, a apropriação inadequada da vertente, pelo fato de que a chamada natureza-fonte, do ponto de vista de ser um potencial ecológico no âmbito do entendimento geossistêmico, no caso, uma vertente bastante inclinada, apresenta fatores de risco para os moradores. No bairro de baixa renda, as pessoas são obrigadas a ocupar esses espaços marginais.

Outro fato bastante importante a ser explorado é que na ocupação da encosta, na maior parte da paisagem vislumbrada são de moradias precárias que não oferecem a devida segurança aos moradores por se encontrar em zona de risco de desmoronamento. Observa-se a presença de poluição (entulhos), também salienta-se o fato de que boa parte das casas não possuem esgoto encanado e, portanto, trata-se de uma área de possível poluição de potenciais hídricos próximos, sendo um aspecto da desigualdade em bairros periféricos da cidade, onde a população muitas vezes está por conta própria, pelo fato que os governantes não tem o devido cuidado com a gestão para garantir a qualidade de vida e de moradia para todos. Isto tudo está relacionado com a consequência da especulação imobiliária nas cidades (alta nas áreas centrais e baixa nas áreas periféricas), enfim, com a configuração de “uma cidade não vista” (expressão utilizada pela Professora Paula Lindo, que coordenou um projeto de cultura na UFFS com este mesmo nome).

Na Figura 11, observa-se uma parte do bairro Esperança, também na cidade de Erechim (área norte). Trata-se de um bairro de moradores com maior poder aquisitivo, com moradias de alto padrão. Mesmo parte do bairro encontrando-se em uma área íngreme, observa-se a transformação do potencial ecológico (fonte) em recurso para o mercado imobiliário, ou seja, uma apropriação da natureza, do espaço e da paisagem como mercadoria, que nem todos teriam a possibilidade de “comprar”. Além do mais, através da foto é possível se explorar fatores econômicos da região como, no caso, áreas de lavouras para o cultivo, logo abaixo da imagem é observado a abertura de novas ruas em que se percebe a retirada da mata e, como consequência disso, possível princípio de um processo de desequilíbrio ecológico.



Figura 11: Padrão de loteamento de alto padrão no bairro Esperança. Com a comparação entre a foto anterior e esta, o professor tem a possibilidade de trabalhar com a paisagem como ferramenta de compreensão das desigualdades sociais que se tornam desigualdades socioespaciais. Fonte: Sirtoli, 2017.

Embora se trate de uma área potencialmente de risco para a ocupação, o padrão desta é muito diferente daquele observado na primeira foto. O professor pode explorar essas diferenças, trazendo a teoria geossistêmica para compreender os aspectos naturais da paisagem e, junto com eles, as consequências da modificação feita pela sociedade (desigual). Assim, o que se pretendeu apresentar aqui foram possibilidades de aplicação de conceitos da Geografia Física e sua conexão com conceitos da Geografia Humana. No entendimento da paisagem a partir de relação com a inserção do Geossistema e o Território.

O professor tem a possibilidade de utilizar o Geossistema como ferramenta para salientar o estudo da natureza, com a utilização da paisagem, como forma de contato com o espaço e a natureza com as questões socioculturais políticas e econômicas, transformadoras da paisagem.

5 CONCLUSÃO

A partir do presente trabalho é possível concluir-se que a paisagem dentro da Geografia é uma ferramenta necessária para melhor se perceber o mundo. A paisagem é a forma de contato do ser humano com a natureza, ou seja, o momento em que entramos em contato, através da visão com a natureza o espaço a cultura e a sociedade. Então a paisagem é necessária na Geografia para melhor interpretarmos a ação da natureza no homem, e do homem na natureza, como ser modificador da paisagem. Além de que a forma como o presente estudo da Paisagem, proposta por Georges Bertrand, busca a integração das Geografias que por muito tempo tinham finalidades diferentes no estudo da paisagem, pelo fato que muitas vezes faziam as interpretações da paisagem separadamente, não fazendo as sínteses necessárias para a integração global da paisagem, por isso a importância do estudo da proposta integradora de Georges Bertrand.

Assim como já foi discutido, a proposta do GTP é essencial no estudo da paisagem para a melhor integração da mesma no ensino de geografia. Isto permite fazer as conexões necessárias para o uso e apreensão da paisagem em que todos os elementos constituintes são denominados de Geossistema, (potencial ecológico, exploração biológica e ação antrópica), sendo assim é de suma importância despertar no aluno, não apenas a contemplação do belo, mas sim da interpretação das imagens ao ponto em que seja capaz de relacionar aspectos sociais, culturais e econômicos como fatores determinantes dentro de uma natureza vista como fonte, recurso e paisagem.

E através desta integração da paisagem, é possível realizar a tarefa de uma boa transposição didática, a partir dos elementos de uma fotografia em que é necessário despertar no aluno o senso crítico da paisagem. Os elementos da paisagem são interligados entre si, um é consequência do outro, desta forma é possível explorar se há uma área com potenciais florestais, se o mesmo é retirado, temos a eliminação de uma de uma fonte natural de sustentação e contenção do solo. Sem proteção vegetal, este solo está propenso a futuros desgastes, como aparecimento de ravinas, transporte de matéria orgânica e seu empobrecimento nutricional e, consequentemente, o assoreamento de potenciais hídricos próximos.

A partir da realização do presente trabalho, foi possível ter um crescimento científico na pesquisa sobre a paisagem na perspectiva de Georges Bertrand, bem como o amadurecimento pedagógico na Geografia como ciência/disciplina escolar que busca a integração social, cultural, econômica, política e natural da paisagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREIS, Adriana Maria; Ensino de Geografia: fronteiras e horizontes. Porto Alegre: Compasso Lugar- Cultura: Imprensa Livre, 2012

BERTRAND, Georges. Paisagem e Geografia Física Global. Esboço Metodológico. R. RA'E GA, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004. Editora UFPR

BRASIL ESCOLA. **Geografia Física**. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/geografia-fisica.htm>>. Acesso em: 29 Set. 2017

CORAJOURD, Michel. A paisagem é o lugar onde o céu e a terra se tocam. In. SERRÃO, Adriana. Filosofia da Paisagem. Uma antologia. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa: 2013

ECO. **Satélites ajudam a visualizar impactos da ponte do rio negro**. Disponível em: <<http://www.oeco.org.br/blogs/oeco-data/27562-satelites-ajudam-a-visualizar-impactos-da-ponte-do-rio-negro/>>. Acesso em: 21 Set. 2017

ERVAL GRANDE, P.M. **Galeria de Fotos**. Disponível em: <<http://www.ervalgrande.rs.gov.br/pg.php?area=GALERIADEFOTOS>>. Acesso em : 18 Out.2017

GRIGORIEV, A. A. **Os Fundamentos Teóricos da Moderna Geografia Física**. 1978 p. 73/74. Disponível em: <<http://agbpp.dominiotemporario.com/doc/grigorievn15.pdf>>. Acesso em 19 Set. 2017

HORIZONTE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO. **Reserva do Juma Zera Desmatamento na Amazônia**. Disponível em: <<http://www.edhorizonte.com.br/noticias/reserva-do-juma>>. Acesso em: 21 Out.2017

MESSIAS, Modesto dos Passos. **Para que serve o GTP** (geossistema –território – paisagem)? Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica. II Semestre 2011 pp. 1-19

MYANAKI, Jacqueline. **A paisagem no ensino de geografia**: Uma Estratégia Didática a partir da Arte. USP. São Paulo, 2003

PASSOS, M. Modesto dos. **Para o que serve o GTP (Geossistema -Território- Paisagem) ?**Revista Geográfica de América Central. Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011 pp. 1-19

PUNTEL, Geovane Aparecida. **A Paisagem na Geografia**, Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Geografia -UFRGS. 2012

SCHMIDEL, Natieli Patricia. **A Geografia nos seus olhos**: impactos da UHE Itá nas paisagens da Linha Rio Branco, Mariano-Moro-RS. Trabalho de Conclusão (Graduação), Universidade Federal da Fronteira Sul. Erechim, 2017

SOUZA, Reginaldo José de. **O Sistema GTP(Geossistema-Território-Paisagem)** aplicado ao estudo sobre as dinâmicas socioambientais em Mirante do Paranapanema -SP / Reginaldo José de Souza. - Presidente Prudente: [s.n.], 2010

SOUZA, Reginaldo José de. Raia Divisória ou Raia Socioambiental? : uma redefinição baseada na análise da paisagem através do sistema GTP / Reginaldo José de Souza. Presidente Prudente : [s.n.], 2015

VAZ DE CAMINHA, Pero. **Carta ao Rei de Portugal**, 1500. Disponível em: <<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/perovazcaminha/carta.htm>>. Acesso em 14 Set.2017

VITTE, Antonio Carlos. **O Desenvolvimento do Conceito de Paisagem e a sua Inserção na Geografia Física**. Universidade de Campinas. Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 06, número 11, 2007

VERDUM, Roberto. **Paisagem: Leituras, Significados e Transformações/** [organizado por] Roberto Verдум...[etal].-Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012